

Maçonaria

Não sendo maçom, Pessoa defende a Ordem Maçónica.

«A Maçonaria não é uma simples associação secreta mas uma ordem iniciática.»

Os argumentos contidos no meu artigo eram os seguintes:

1. "Tudo quanto de sério ou de importante se faz, faz-se em segredo; e, se as associações secretas são más por serem secretas, todos quantos decidem qualquer coisa sem ser em público, ou com plena publicidade ulterior, estão em igual estado de perversidade.
2. Aparentemente dirigido contra "associações secretas" em geral, o projecto de lei era realmente dirigido contra a Maçonaria.
3. A Maçonaria não é uma simples associação secreta mas uma ordem iniciática, e o seu segredo é o comum a todas as ordens iniciáticas, a todos os chamados Mistérios e a todas as iniciações, ainda que fora de Templo, isto é, directamente de Mestre a Discípulo.
4. Da conversão do projecto em lei adviriam três consequências: (a) coisa nenhuma, porque as ordens iniciáticas não se destroem *de fora*, nem há exemplo de haver vingado qualquer tentativa (e citei três) de as extinguir; (b) perseguição aos *melhores* maçons; (c) criação de uma corrente hostil contra nós no estrangeiro — e citei exemplos de idêntica hostilidade em casos de perseguição à Maçonaria —, no que nunca há vantagem, sobretudo para um país como o nosso — pequeno, fraco, com ambições constantes sobre as suas colónias.
5. À parte tudo isto, a Maçonaria não é maléfica nem daninha, e erros ou até "crimes" que porventura *provadamente* se lhe apresentem são ou: (a) provenientes da falibilidade humana, pois que a Maçonaria é composta *de* homens; ou (b) de circunstâncias de meio e época que a Maçonaria não criou e que nela influem, ou em certos sectores dela, como influem sobre toda a gente; e que (c) nas mesmas circunstâncias está qualquer outra instituição, secreta ou pública, que exista no mundo, como, por exemplo, a Igreja de Roma, cujos erros e crimes *provados* são quase sem número.

Assista & Reflita do Club 33

Fora da linha do argumento fiz também incidentalmente, e a um outro propósito, as seguintes afirmações, que não constituem argumento

6. O Sr. José Cabral e os anti-maçons são completamente ignorantes de assuntos maçónicos.

7. (a) Não sou maçom, nem pertença a qualquer Ordem; (b) sou suficientemente conhecedor de assuntos maçónicos para deles poder confiadamente ocupar-me; (c) os meus conhecimentos maçónicos derivam-se, não da simples leitura de livros mas de certa "preparação especial", cuja natureza me não propunha, nem agora me proponho, indicar; (d) não sou anti-maçom; antes, através do meu estudo da Maçonaria, adquiri um conceito favorável dessa Ordem; (e) em virtude disso — não foi realmente só em virtude disso — vim defender a Maçonaria.

Finalmente:

8. Citei vários nomes de autoridades maçónicas e de maçons proeminentes ou célebres.

Os pontos numerados 6, 7 e 8 nada têm, evidentemente, que ver com o argumento. Se os menciono é porque sobre eles, ainda que nada tivessem para o caso, incidiram reparos vários, aos quais desejo fazer referência.

Tem o leitor diante de si, em forma que creio clara e precisa, o resumo do conteúdo do meu artigo, despido de incidentes de redacção e de estilo. Vejamos como se lhe respondeu.

Ao ponto (1) ninguém respondeu nem poderia responder: é, por assim dizer, automaticamente irrespondível.

Ao ponto (2), por geralmente admitido de parte a parte, ninguém opôs ou poderia opor a mais pequena observação. Bastava a origem do projecto — isto é, o seu autor, católico-romano e reaccionário, para ninguém supor que fosse um ódio abstracto ao secreto [,] um amor místico do pleno dia, que movesse o Sr. José Cabral a escrever e a apresentar o seu projecto de lei. O conteúdo deste, e do seu relatório, coincide aliás perfeitamente com o teor de uma moção votada em (...), em Braga em um congresso católico-romano. Em todo o caso, tive o cuidado de raciocinador de dizer no artigo que o projecto de lei era dirigido "total ou *principalmente*" contra a Maçonaria.

Para responder ao ponto 3 era mister provar qualquer das várias posições seguintes: (a) a Maçonaria não é uma Ordem iniciática; isto, que é falso, ninguém provou nem pode provar; (b) há Ordens iniciáticas que não são secretas; isto, que é falso, ninguém provou nem pode provar, pois não há iniciação, individual ou templar, que não seja secreta, visto que o ser ela secreta está na essência do mesmo conceito de iniciação; (c) a Maçonaria é secreta por outros motivos que o

Assista & Reflita do Club 33

iniciático; isto, que é falso, seria ainda absurdo, pois, se a Maçonaria é já secreta por ser iniciática, escusa de ir buscar a outra parte o segredo que já tem; (d) as ordens iniciáticas são maléficas e ilegítimas, por serem iniciáticas, porque é maléfica e ilegítima toda a iniciação. — Este conceito, dogmático e gratuito, é exclusiva pertença da Igreja de Roma. Este argumento teria, porém, no trajecto, os seguintes desastres de viação. Atingiria os primitivos cristãos, pelo motivo já citado no meu artigo; e a Igreja de Roma declarar-se-ia implicitamente assente em bases de malefício e de ilegitimidade. Os opositores dos iniciados e dos herméticos nunca definiram, nem tentaram definir, o que é iniciação, não podendo declarar maléfico ou ilegítimo o que não sabem o que é. O que a Igreja de Roma pensa ou deixa de pensar não interessa ao Estado português, pois que está ainda em vigor a Lei de Separação, e as bulas ou encíclicas do Papa não são leis do País.

s.d.

Da República (1910 - 1935) . Fernando Pessoa. (Recolha de textos de Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Mourão. Introdução e organização de Joel Serrão). Lisboa: Ática, 1979. - 135.

Fonte: <http://multipessoa.net/labirinto/ocultismo/19>

<http://arquivopessoa.net/>

Assista & Reflita do Club 33

Fernando Pessoa

Quando digo que tenho conhecimentos maçónicos,

Quando digo que tenho conhecimentos maçónicos, quero dizer, primeiro, que sei o que é, iniciaticamente, a Maçonaria e qual o seu papel especial entre os ritos e sistemas de iniciação; segundo, que sei o que é, socialmente, a Maçonaria, e qual a relação, que é íntima e directa, entre o seu papel iniciático e o seu papel social; terceiro, que conheço, tanto quanto se pode conhecer (e não é muito) a história da formação, desenvolvimento e (...) da Maçonaria. O mais que sei do assunto é casual e acessório, pois não disponho de uma rede de espionagem nem convivo de hábito ou de bom grado com denunciantes.

Se me perguntarem qual é a significação do sinal abreviativo por três pontos em triângulo, quando primeiro apareceu em documento público e por que motivo algumas obediências maçónicas evitam o seu uso — se me perguntarem isso, sou capaz de responder, ainda que não responda. Se me perguntarem qual a origem e sentido do termo hebreu *Kadosh*, e por que motivo está ele erradamente aplicado ao grau em cujo título figura — se me perguntarem isso, estou apto a responder, o que não quer dizer que responda. Se me perguntarem porque é que a Grande Loja de Inglaterra, quando, no Acto de União de 1813, decidiu que a «pura e antiga Maçonaria» não era constituída senão pelos três graus simbólicos e o Sacro Rial Arco (o de Zarubbabel e não o de Henoch, que é o Grau 13 do Rito Escocês), não passou todavia a trabalhar o Rial Arco mas o entregou a um Supremo Grande Conselho dos Maçons [?] do Rial Arco — se me perguntarem isso, estou apto a responder, embora guarde silêncio. Todas estas coisas são da alma e da essência da Maçonaria e, muito embora haja que colher em livros a indicação dos factos, não é com uma ciência derivada de livros, que esses factos podem ser coordenados e devidamente entendida e interpretada a sua coordenação. Se, porém, me perguntarem se certo indivíduo é maçom, ou quantas Lojas estão em actividade sob certa obediência, terei que responder, em geral, que não sei, porque de facto o não sei. Se, por acaso, souber, digo também que não sei.

Não lhes ocorreu que houvesse alguém que, não sendo maçom, tivesse todavia motivos para ter para com os maçons um sentimento deveras fraternal, que o movesse a defendê-los; que, não sendo presa de

Assista & Reflita do Club 33

qualquer compromisso de sigilo, pudesse fazê-lo; que, tendo os conhecimentos necessários, pudesse fazê-lo competentemente.

O meu artigo foi somente o primeiro aviso de uma campanha a fazer; nem sou só eu que a faço, nem é ela feita só em 4 letras.

Assim o querem? Assim o terão.

Amigos reaccionários: em guarda!

s.d.

Pessoa Inédito. Fernando Pessoa. (Orientação, coordenação e prefácio de Teresa Rita Lopes). Lisboa: Livros Horizonte, 1993. - 195.

Fonte: <http://arquivopessoa.net/textos/3630>